

Um Retrato de Dalcídio Jurandir *

Maria de Belém Menezes

Nesta sessão de abertura da XII Semana do Escritor Paraense, desejo falar-lhes um pouco do Dalcídio que pude conhecer através da correspondência que durante 15 anos, após a morte de papai, mantive com o saudoso amigo, e que foram continuação da amizade entre ele e Bruno. Nessas cartas eram uma constante Belém, Marajó, a Região, os problemas sociais, as atividades literárias da terra, o folclore, tudo, enfim, que representasse o mundo em que gravitava - o DAL - como costumava se assinar.

Ausente há tantos anos do chão marajoara em que nascera, continuava intensamente presente ao Marajó. Quando Pe. Giovanni Gallo, o devotado idealizador do "Museu do Marajó", escrevia crônicas semanais, pelo jornal "O Liberal", sobre a região e os seus trabalhos, eu as remetia a Dalcídio, que as comentava, incentivando o padre a reuni-las em livro, o que veio a ser feito, com "MARAJÓ - A DITADURA DA ÁGUA", já em segunda edição. Eis alguns dos comentários de Dalcídio, que definem a sua personalidade fiel ao rincão natal: "O nosso padre italiano é admirável ... Que qualidade de sábio repórter! O povo, os bichos, as águas, sabem conviver com ele!... lendo-o fico com as minhas raízes marajoaras estremecendo ... O padre Giovanni é corajoso, sim senhor, tocando em feridas velhas, na área de Jenipapo, e Santa Cruz do Arari. Feridas que sangram em meu romance **Marajó**. O que me surpreende é que as coisas lá não mudam, ao contrário, se agravam."

O amor por Belém era transbordante nas cartas de Dalcídio. "Os meus apegos à terra são os mesmos. Nela deixei os melhores amigos e a minha mocidade. Dela tirei uma obra à qual dei o melhor de mim. Quero ir até o fim ligado ao Pará, que sirvo com magra importância, mas com fidelidade."

Certa vez me perguntou pelos sobrados roxos da Travessa Benjamim Constant; eu lhe disse que somente a capa de seu romance **Belém do Grão Pará** eternizara este conjunto arquitetônico destruído. Ele respondeu: "Triste, tristão, ao saber que os meus sobrados de azulejos roxos se acabaram". É a minha Belém que morre... O menino do romance evoca uma página a figura dos quatro sobrados agora encantados ... Aí que se foram os meus sobrados roxos, que guardavam o encanto de morar à sombra das mangueiras..."

Remetia-lhe recortes de jornais e ele comentava: "Que a floresta amazônica seja protegida, e os índios também, esse índio ameaçado, em breve expulso do seu chão, massacrado. Belém se cobriu também de sangue de índio, batizou-se nesse sangue. Que o progresso não corra tanto, a ponto de nos tornar, mais depressa, mais infelizes e mais duramente iludidos de que somos civilizados, por bem servidos pela técnica."

Pela quadra de S. João dava-lhe notícias das comemorações folclóricas e ele respondia: "Os jornais da terra andam atentos à tradição local, pulam fogueira, tomam banho de cheiro, valorizam costumes, destacam usos saborosos da terra e da gente, e isso é bom, como ensina a Bíblia ... A feira do cheiro está presente em **Chão dos Lobos** ... Quando jovem me deu ela muito encanto, dela saía aliviado da minha ansiedade, dos meus desenganos e descaminhos. Eu encontrava na feira do cheiro-cheiroso o paraíso perdido"...

Enviava-lhe, anualmente, por essa época, um ramo de "catanga de mulata" e ele gostosamente acusava: "A catanga de mulata me servirá para rever o Pará quente nestas noites frias, me dando o poder de caminhar pelo Bosque e comer guriuba na proa de uma vigilenga!". "O São João do Pará me veio no raminho de catanga de mulata, e senti, neste úmido frio carioca, o calor dos cheiros, das fogueiras, dos balões de Belém. Ouvi até o cantar do Amo no Boi-Bumbá"...

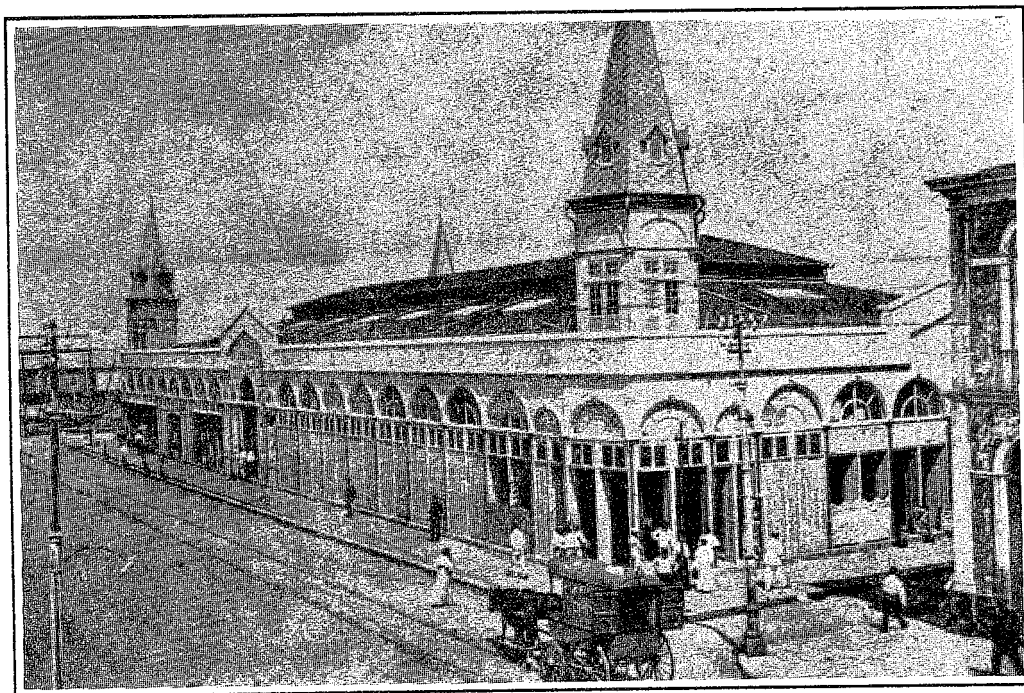
Sobre notícias do Carnaval, respondeu: "Então o Carnaval de Belém pegou fogo? Ainda bem que se faz fé na tradição e humanidade dos folguedos, preservando a cidade. Temo pela descaracterização de Belém, condenada a uma urbs desumana, poluída, igual a qualquer cidade. Esse progresso desigual faz robots, não cria alma. Aumenta a riqueza e multiplica a necessidade"...

Ao contar-lhe das grandes marés de Belém. Como muito triste comentava: perto as lojas do mercado de ferro, comprar roupa nova para os caruanas ... "Que bom ter enchente assim, que não dá morte e molha à cidade, lhe tira um pouco da mornidão e da rotina..."

Enviei-lhe certa vez o rótulo bilingue de um vidro de conserva de palmito, e a resposta veio veemente: "O rótulo, em inglês e francês, do palmito de açaí, mostra que a civilização do enlatado entrou definitivamente em



**Mercado de Ferro, em Belém do Pará,
citado nas cartas de Dalcídio**



nossa selva. Vamos comer o palmito em inglês e franceses, e abandonamos a bárbara bebida de nossos avós. O rótulo é o símbolo do desmatamento da Amazônia, entregue, agora, às serrarias de madeira, às pastagens, aos magnatas americanos. O pajé some, o açaí some ... É meu temor essa civilização do saque, da derrubada, do palmito ... A floresta amazônica está indefesa. O que se quer é arrancar lucros imediatos, é o progresso urgente e inumano, é o enriquecimento a qualquer preço."

Falhei-lhe da demolição da Fábrica Palmeira. E ele, comovido: "O que fizeram com a Palmeira doeu em mim. Ela está presente em dois romances meus, "Belém do Grão Pará" e "Chão dos Lobos". Neste, há um incêndio nela, e o São Pedro, da Igreja de Santana, ajuda a salvar"... Ainda bem, dizemos nós, que, através dos livros de Dalcídio os mais jovens saberão que naquela horrível cratera houve, outrora, em Belém, uma fábrica de pães, biscoitos, doces que era o orgulho do Pará.

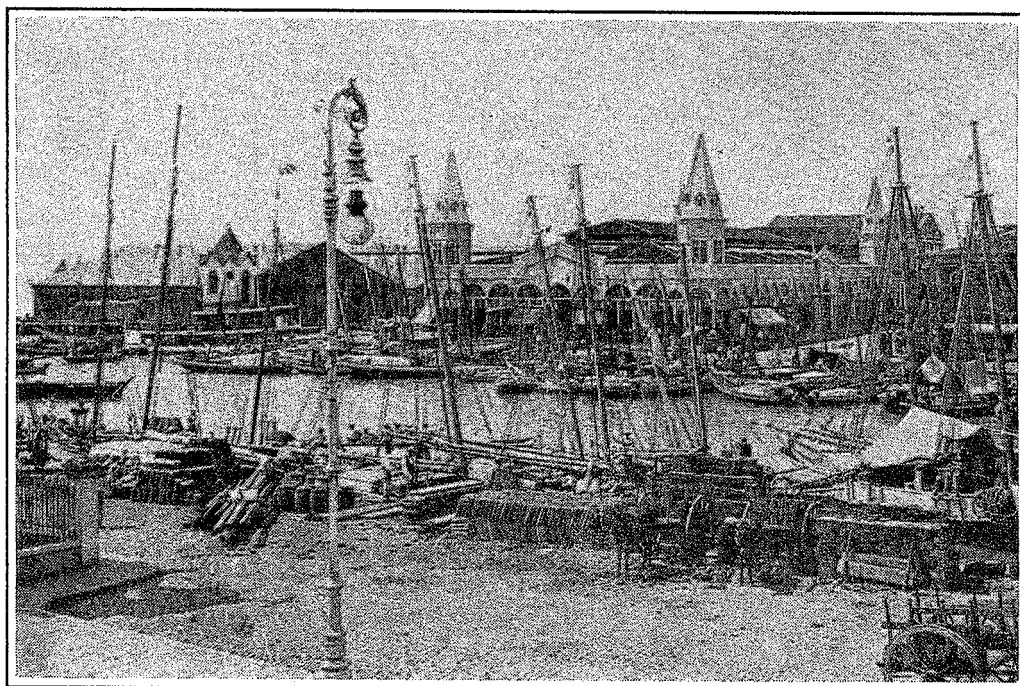
Pela safra do cupuaçu remetia-lhe um pouco de com-pota que fazíamos e do homem simples que era Dalcídio, vinham cartas encantadoras: "Comi o cupuaçu comendo dias de infância e juventude, aqueles dias que vieram com o doce. Muito comovido fiquei com o presente tão do Pará e, feito em casa! - o que enriquece mais a lembrança e multiplica a saudade das grandes manhãs chu-

vosas em que bebia o vinho de cupuaçu feito por mãos carinhosas, em lugar remoto e sempre perdido ... O doce me deu a alegria de quem retorna à juventude. Foi, num minuto, um milagre de ressurreição. Agradeço-lhe com a mão no peito..."

Contei-lhe que os japoneses estavam interessados em um projeto sobre o jambu. E ele: "não esqueço o jambu, folha mágica da minha vida, agora envolvido nos planos dos japoneses. Mas ele há de tremer o beijo sempre, o nosso beijo, pois é folha encantada ... Penso na minha prima tacacazeira, Magá, que tinha o seu ponto na São Jerônimo, canto com a Ruy Barbosa, mulata de oriza e pripioca, de tucupi e do jambu"...

Um dia mandei-lhe uma folha de tamba-tajá do jardim de casa, e ele, já doente, respondeu: "A folha de tamba-tajá chegou a tempo. Ela vai exercer sua magia sobre esses dias de tremor e sofrimento". Era o Mal de Parkison que o acometera há anos - como a minha mãe, e por isso podíamos melhor participar dos males que a doença acarreta. Tornava-se-lhe difícil o escrever à mão ou à máquina. Foi com muita obstinação que Dalcídio levou até o fim o objetivo a que se propusera. As últimas cartas são quase ilegíveis.

Ainda bem que pôde saborear em vida a amizade da terra natal. Quando Clóvis Moraes Rego foi Governador



dor do Estado, deu-lhe a Comenda da Ordem do Mérito Grão Pará, que foi recebida por meu irmão Stélio, o qual entregou ao Professor Clóvis esta carta de Dalcídio, "*O título honorífico me assusta. A carta de cerimônia me deixa sem fala. Mas o Pará me dá um título que vem de generosa admiração por uma obra difusa e inacabada, e espelhando a vida do povo em determinada época. O título é para mim a panela de barro com maniçoba, o alguidar de açai, a cuia de tacacá, o cacho de pupunha, o papel de cheiro de Mãe Ciana. Tem, ainda, o sabor do Umarizal, Jurunas, Pedreira ... Pará de Eneida e Bruno não dá um título, me dá o coração de seu povo. Obrigado senhor Governador*".

Ainda Governador, Clóvis concede a Dalcídio uma pensão especial, para amenizar as dificuldades do nosso romancista, demonstrando o grande reconhecimento de que o Pará lhe era devedor. Dalcídio a aproveitou por pouco tempo, mas o gesto o encheu de gratidão.

O Conselho Estadual de Cultura lhe ofereceu a medalha comemorativa dos 10 anos do órgão e Dalcídio agradeceu à Professora Maria Anunciada Chaves, então Presidente: "Muito me sensibilizou o voto de louvor desse Conselho, pela publicação do meu livro **Chão dos Lobos**... Aceito o louvor, que muito me honra, e o transfiro

ao Pará, tema de meus romances, chão de minha imaginação e de minha sensibilidade".

A Assembléia Legislativa do Estado lhe outorgou um título de "Honra ao Mérito", igualmente recebido por meu irmão, demonstrando a atenção de nossos representantes para a obra que o escritor construíra com imensa dedicação à terra natal.

A 16 de junho de 1979 morria Dalcídio José Ramos Pereira. Permanece vivo na Literatura Paraense, Dalcídio Jurandir.

Dalcídio Jurandir Pereira

1909 *

1979 †

(16.6.79) - Rio de Janeiro

A família de Dalcídio Jurandir agradece sensibilizada o conforto recebido com a manifestação do pesar, por motivo de seu falecimento

* Transcrição de parte da palestra feita por Maria de Belém Menezes, (filha do poeta Bruno de Menezes) na XII Semana do Escritor Paraense, em 1990.

Da correspondência com os amigos, Bruno de Menezes e sua filha Maria de Belém, selecionamos duas cartas manuscritas para serem publicadas. A primeira, endereçada a Bruno, de cunho pessoal, sem preocupações literárias, na qual apenas documenta o cotidiano; a segunda, destinada a Maria de Belém, é também uma forma de recorrência literária e contribui para maior compreensão da narrativa dalcidiana.

Bruno de Menezes
 Meu babalaô - como vão
 os orixás, meu velho?
 Me lembro ainda da bênção
 da Mãe de Santo naquela
 tarde sagrada.
 Venho vindo do mar. Meu
 corpo se encantou num
 filho de Iemanjá. É preciso
 que os oguns rezem, que
 a mãe de santo evoque o
 pai dos orixás para o
 filho de santo se desatue
 e volte ao Terreiro... Como
 vamos de "Não posso me
 Amofina"? Ah! vem o Carnaval.
 Pai João está alegre porque
 o seu babalaô faz falação
 no jornal. Notável. Análise
 aguda. Abençoou, babalaô?
 Dalcídio

Bruno de Menezes

Meu babalaô - como vão os orixás. meu velho?

Me lembro ainda da bênção da Mãe de Santo naquela tarde sagrada.

Venho vindo do mar. Meu corpo se encantou num filho de Iemanjá! É preciso que os oguns rezem, que a mãe de santo evoque o pai dos orixás para o filho de santo se desatue e volte ao terreiro... Como vamos de "Não posso me Amofina"? Ah! vem o Carnaval.

Pai João está alegre porque o seu babalaô faz falação no jornal. Notável. Análise aguda. Abençoou, babalaô?

Dalcídio

Maria de Belém

Ainda teimam desnaufregar o navio. Ele virou fantasma, virou cobra boiuna.

Sobre as enchentes em Marajó, o espetáculo é o mesmo. No meu romance "Marajó" eu falo da água invasora. O "Chove" está encharcado assim como "Três Casas e um Rio". Toda a minha obra flutua na enchente. Vejo o jacaré, o peixe aruanã e os defuntos que escapam do cemitério alagado. Morei numa casa em cima d'água. Até hoje ouço os peixes e as marrecas e as chuvas enormes.

O padre continua em forma. Marajó é ainda terra encantada. O gado anfíbio. O homem encharcado. Marajó é como o navio: submerso. Soure - Soures - e Ponta de Pedras estão no teso. Cachoeira se refugia numa terrazinha firme. A parte baixa, onde morei, é tudo enchido.

Vejo no vaqueiro Aprígio as tardes de ferra, o embarque das rezas, os isquetes poeirentos com a flauta de Luiz e o saxofone do Paraense.

Quando Marajó desencanta?
Como vai sua mãe? Toda a família?

O abraço do Dal 6-6-96-Ric

Maria de Belém.

Ainda teimam desnaufregar o navio. Ele virou fantasma, virou cobra boiuna.

Sobre as enchentes em Marajó, o espetáculo é o mesmo. No meu romance "Marajó" eu falo da água invasora. O "Chove" está encharcado assim como "Três casas e um Rio". Toda a minha obra flutua na enchente. Vejo o jacaré, o peixe aruanã e os defuntos que escapam do cemitério alagado. Morei numa casa em cima d'água. Até hoje ouço os peixes e as marrecas e as chuvas enormes.

O padre continua em forma. Marajó é ainda terra encantada. O gado anfíbio. O homem encharcado. Marajó é como o navio: submerso. Soure - Soures - e Ponta de Pedras estão no teso: Cachoeira se refugia numa terrazinha firme. A parte baixa, onde morei, é tudo enchido.

Vejo no vaqueiro Aprígio as tardes de ferra, o embarque das rezas, os isquetes poeirentos com a flauta de Luiz e o saxofone do Paraense.

Quando Marajó desencanta?

Como vai sua mãe? Toda a família?

O abraço

do

Dal

Um dos telegramas enviados
ao amigo Cléo Bernardo,
com quem manteve intensa
correspondência

Envelope de uma das cartas que
fazem parte da correspondência
de Dalcido Jurandir com a
família Bruno de Menezes

11.03.582

10/2

TELEGRAMA

MINISTÉRIO DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS

O preâmbulo contém as seguintes indicações de serviço: espécie de telegrama, estação de origem, número do telegrama, palavras, dia e hora da apresentação.

CARIMBO DA ESTAÇÃO
12 - MAR 41

INDICAÇÕES DE SERVIÇO
TAXAS E ENCARGOS

Recebido
13.10

às
por
PEAMBULO

Cléo Santarem

aluguer pa 376-11-26-17.2

Donde comigo como nunca
esta viagem sem infancia
Dalcido

12 de Março

Maria de Belen Menezes
Rua João D'Almeida, 26
Belém - Pará

VA AEREA
PAR AVIAO

BRASIL 1941
DRE
BRASIL

Dedicatória a Bruno de
Menezes na folha de rosto da
1ª edição de **Chove nos**
Campos de Cachoeira 1941

Bruno
afinal este livro
tem o sabor do
peixe frito
Um abraço,
Do
Dante
de
De
À MEMÓRIA DE
MARGARIDA RAMOS,
MINHA MÃE